

CONHECIMENTOS FONOLÓGICOS E ORTOGRÁFICOS NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE PRODUÇÕES ESCRITAS DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

PHONOLOGICAL AND ORTOGRAPHIC KNOWLEDGE IN LITERACY: A LOOK AT WRITTEN PRODUCTIONS OF STUDENTS OF THE 1º YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION

Francineida da Costa

Minicurrículo

Graduada em Letras Português/Inglês (FTC). Especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica com Docência no Ensino Superior (MULTIPLA) e em Língua Portuguesa (UESPI). Professora do Ensino Fundamental Maior no município de Barras (PI).
E-mail: francineidacosta167@gmail.com

Francisco Renato Lima

Minicurrículo

Graduado em Pedagogia (FSA) e Letras – Português/Inglês (IESM). Especialista em: Neuropsicopedagogia Clínica e Educação Especial (IESM); Educação a Distância (UNOPAR); Docência no Ensino Superior (FSA); e Linguística Aplicada na Educação (UCAM). Mestre em Letras - Estudos da Linguagem (UFPI). Professor de Leitura e Produção de Texto do Ensino Fundamental e Médio no Instituto Dom Barreto (IDB). Coordenador de disciplinas do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal do Piauí (CEAD/UFPI).
E-mail: fcorenatolima@hotmail.com

¹ Este texto é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado no curso de Especialização em Língua Portuguesa, oferecido pelo Núcleo de Educação a Distância (NEAD) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Essa versão apresenta algumas alterações e modificações daquela apresentada à instituição, na ocasião de conclusão do curso, com o título: “O uso das consoantes dentais /d/ /t/ nas produções escritas de aluno do 1º ano do ensino fundamental”.

RESUMO

O presente artigo visa fazer reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas com crianças do 1º ano do ensino fundamental menor, com a finalidade de averiguar quais as causas que levam algumas crianças a trocarem/confundirem as consoantes oclusivas “d” e “t” em suas produções. Pretende-se também, discutir sobre a fonética e a fonologia, destacando a importância desses aspectos no processo de acompanhamento da criança no decorrer da alfabetização. A abordagem metodológica partiu da pesquisa qualitativa, por meio de observações feitas pelos pesquisadores, que se mostraram preocupados com a escrita dessas crianças, além através da aplicação de entrevistas (para os professores) e atividades de escrita (para os alunos). Teoricamente, buscou-se embasamento em estudiosos, como Cagliari (2008), Câmara Junior (1977), Ferreiro; Teberosky (1999), Ferreiro (2010), Simões (2003/2006), Vygotsky (1998), entre outros. A análise possibilitou chegar a uma suposta conclusão de que a problemática em estudo está centrada na ação pedagógica não adequada no ensino às crianças no ciclo de alfabetização.

Palavras-chave: Alfabetização. Fonética. Fonologia. Aprendizagem. Professor.

ABSTRACT

This article aims at reflecting on the pedagogical practices developed with children of the first year of lower primary education, in order to investigate the causes that lead some children to exchange / confuse the occlusive consonants “d” and “t” in their productions. It is also intended to discuss phonetics and phonology, highlighting the importance of these aspects in the process of accompanying the child in the course of literacy. The methodological approach was based on the qualitative research, through observations made by the researchers, who showed concern about the writing of these children, in addition to the application of interviews (for teachers) and writing activities (for students). Theoretically, we sought basis on scholars, such as Cagliari (2008), Câmara Junior (1977), Ferreiro; Teberosky (1999), Ferreiro (2010), Simões (2003/2006), Vygotsky (1998), among others. The analysis made it possible to arrive at a supposed conclusion that the problematic under study is centered on the pedagogical action not adequate in teaching children in the literacy cycle.

Keywords: Literacy. Phonetics. Phonology. Learning. Teacher.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito abrangente do ato de ler o mundo, coisas que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e, a seguir, escreveram as palavras. Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo.

(FREIRE; MACEDO, 2011, p. 15).

O desafio principal colocado a professores e profissionais que trabalham com crianças que apresentam dificuldades em relação à escrita é ajudá-las a aumentar sua autoconfiança e acreditar na sua capacidade. Por isso, educadores têm uma grande responsabilidade na hora de atuarem como observadores, pois um diagnóstico equivocado pode trazer graves problemas, no

CONHECIMENTOS FONOLÓGICOS E ORTOGRÁFICOS NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE PRODUÇÕES ESCRITAS DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

que diz respeito à vida dos discentes, principalmente nas etapas iniciais da escolarização, como é o caso da alfabetização.

Partindo desse pressuposto, a inquietação pelo desenvolvimento dessa pesquisa, partiu do contato com uma professora, ouvindo-a queixar-se sobre dificuldades de escrita apresentadas por seus alunos, que ao escrever, trocam as letras “d” e “t”. De antemão, percebe-se que o problema em estudo, por mais simples que pareça, evidencia uma dificuldade que pode estar ligada a várias ramificações no processo de desenvolvimento do indivíduo, desde o psicológico a falhas na metodologia utilizada pelos professores alfabetizadores no ciclo de alfabetização.

Também, ao pensar nos motivos que levam os alunos das séries iniciais a realizarem essas trocas em suas produções, é preciso, inicialmente, de considerar a complexidade do sistema alfabético-ortográfico, com a qual os ocidentais grafam seus enunciados. Este é um grande obstáculo para o estudante em seus primeiros contatos com o texto escrito.

Antes, porém, de qualquer especulação direta sobre a língua objeto, cumpre lembrar que ninguém escreve como fala, nem fala como escreve. Logo, ainda que o processo de aprendizagem da lacto-escrita (FERREIRO, 2010) seja simultâneo, trata-se de modalidades diferentes da língua como veículo de interação social.

Conforme Simões (2006), há mil problemas em torno da aprendizagem da leitura/escrita, desde a movimentação dos olhos, de cima para baixo e da esquerda para a direita, até a análise última do vocábulo como uma sequência de figuras-letras ou grafemas, resultantes do uso das potencialidades do aparelho fonador humano.

Além desses argumentos, cumpre acrescentar que o conhecimento não só do material sonoro que produz a realidade oral da língua, mas também, dos fenômenos decorrentes da atuação da fala em consequência do ritmo que se imponha ao texto, torna possível a compreensão de fatos gramaticais ou textuais que, sem tal conhecimento, mostram-se obscuros, abstratos e complexos.

Assim, devemos entender que a ortografia age, especificamente, na parte gráfica e funcional da escrita. E que a língua é concebida como um processo sócio histórico e por isso, podemos entender as razões e as necessidades das convenções linguísticas e de seus usos sociais, pois o problema da ortografia encontra-se fortemente associado a tais convenções.

Diante dessa realidade, pesquisou-se sobre o tema, o qual se apresenta nesse texto, revestido do objetivo geral de analisar os principais motivos que levam as crianças da alfabetização a cometerem essa troca. Especificamente, objetiva-se identificar as dificuldades na hora de suas produções escritas; perceber como a escola trabalha com crianças que fazem essa troca constantemente; investigar qual contexto fonético-fonológico em que ocorre a troca do “d” pelo “t”. Tudo isso, com o propósito de gerar subsídios para se pensar, junto aos professores alfabetizadores, algumas inquietudes relativas à problemática.

Do ponto de vista metodológico, este estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo², tendo como métodos de coleta dados, a observação e realização de entrevistas, sob uma abordagem qualitativa e elucidação teórica baseada nos estudos de Cagliari (2008), Câmara Junior (1977), Ferreiro; Teberosky (1999), Ferreiro (2010), Simões (2003/2006), Vygotsky (1998), entre outros, que nos permitiram constatar que existe uma grande possibilidade, para que um dos principais motivos dessa questão, seja o ciclo da alfabetização incompleto, bem como a metodologia utilizada em sala de aula, que pode está causando nos discentes, tais dificuldades.

2 Este texto apresenta resultados de uma pesquisa de campo, na qual os sujeitos envolvidos no processo de coleta de dados concordaram livremente em contribuir com a pesquisa, através de assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias, sendo uma sua e a outra, dos pesquisadores responsáveis, de modo que assim, foram resguardados seus direitos e mantida a preocupação, o zelo e o sigilo com a imagem dos colaboradores da pesquisa.

Então, proporcionar-lhes aprendizagens significativas deve ser o meio, mais eficaz para uma boa aprendizagem. Com os resultados aqui expostos, espera-se portanto, contribuir para uma reflexão sobre as práticas, para que, a partir de então, possamos buscar novas metodologias de ensino.

A IMPORTÂNCIA DO CONHECIMENTO FONOLÓGICO E ORTOGRÁFICO

Observadas as dificuldades encontradas pelos professores de língua, em geral, e pelos alfabetizadores em especial, resumimos alguns pontos importantes dos aspectos fônicos da língua portuguesa a serem considerados durante o aprendizado da leitura e da escrita. Dentre esses pontos, destacamos uma reflexão de Simões (2006, p. 25):

O estudo de mudanças morfonêmicas (metaplasmos), quase sempre reservado a diacronia, no entanto, também pode ganhar um espaço relevante no estudo da fonologia sincrônica, visto que aquelas ocorrem em qualquer tempo nas línguas vivas. Por exemplo, se as variações dialéticas, fossem observadas no foco dos metaplasmos, seria substância fônica, facilitando o entendimento de determinados fatos captáveis na língua oral, e muitas vezes, transpostos para a escrita.

Dessa forma, podemos compreender que as crianças que estão no início do ciclo de alfabetização podem, de forma involuntária, cometer trocas entre letras de sons parecidos, uma vez que elas ainda não possuem um domínio definido da grafia gramaticalmente correta de nossa língua. Sobre isso, a fonologia não leva em conta as diferenças dialetais, ocupando-se tão somente, das diferenças fonemáticas (entre um fonema e outro, como “d” e “t”, por exemplo, as quais produzem as distinções entre significantes e significados numa língua). Ainda para a autora, a:

Fonologia parte da linguística que se ocupa dos sons da língua, ou seja, levanta, classifica e estabelece básicas entre os fonemas de uma língua, visando à descrição de sua estrutura fônica, o que possibilita distingui-la de outras línguas e definir seu padrão combinatório no nível distingui-la de outras línguas e definir seu padrão combinatório no nível da sílaba (SIMÕES, 2006, p. 18)

Deste modo, ela é a responsável, por estabelecer para cada letra do nosso alfabeto o som apropriado, bem com a escrita adequada, usando os símbolos, por isso, caracteriza a língua usada por todos os falantes, distinguindo-os, em sua língua, a classe social e até mesmo, a própria língua materna de cada país.

Uma pergunta que todo professor gostaria de ver respondida é a seguinte: Como é que fazemos para ensinar as crianças a escreverem? Esta é, sem dúvida, uma pergunta relevante mas, para respondê-la, precisamos, antes, responder a uma outra pergunta: Como é que as crianças aprendem a escrever? Se nos lembrarmos de que as crianças (ou qualquer outro aprendiz, um adulto, por exemplo) são pessoas inteligentes, dotadas de capacidade de raciocínio, de fazer generalizações* e inferências*, de criar modelos e regras (ainda que provisórias), enfim, de interagir com o seu objeto de aprendizado, fica claro que, primeiro, temos que ter uma ideia de como um aprendiz se comporta ao aprender. Se não fizermos isso, corremos o risco de propor métodos e técnicas de ensino que não correspondam àquilo que uma pessoa inteligente realmente faz. Ou seja, não queremos correr o risco de tentar ensinar na contramão do aprendiz (OLIVEIRA, 2005, p. 4).

Assim, fica mais patente a importância do olhar docente sobre a questão, quando, por exemplo, observada a pronúncia do “t”. Na série ‘ta’, ‘te’, ‘ti’, ‘to’, ‘tu’, vê-se que o “t” sofre interferência da zona de articulação da vogal “i”, que o contamina, palatizando-o (atiçando-o),

CONHECIMENTOS FONOLÓGICOS E ORTOGRÁFICOS NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE PRODUÇÕES ESCRITAS DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

gerando uma pronúncia diferenciada para o “ti”. O mesmo se aplica ao “d”, variando para /d³/ (africada) por influência do “i” (SIMÕES, 2006).

De acordo com Simões (2013, p. 37), “essas últimas variações alofônicas do tipo livre, são irrelevantes nos estudos fonológicos por não promoverem consequências semânticas, isto é, não se distinguem formas da língua. São, portanto, relevantes apenas no âmbito dos estudos fonéticos”. Outro fator relevante para o estudo da fonologia é o desdobramento, que é um fenômeno diferente da neutralização. Na verdade, é o seu oposto, enquanto esta distingue oposição, o desdobramento evoca uma distinção em benefício da comunicação eficiente.

A esse respeito, Matoso Câmara Jr. (1977), aponta que desdobramento trata-se de um caso de flutuação, ainda que os dois possam ser sinônimos. E Simões (2003, p. 38), destaca que o “desdobramento é uma flutuação em virtude da possibilidade de reforçar certa opção fonemática em benefício da clareza expressional”.

Todavia, além desses fenômenos, há outros que podem ser examinados, observando a camada fônica da língua e sua relação com a realidade da fala. Há casos em que o falante se vê obrigado a adulterar a convenção ortográfica em benefício de um paralelismo, embora hipotético, entre formas orais e formas gráficas, por isso, é importante o professor conhecer os mecanismos de construção da escrita ortográfica.

MECANISMOS DE CONSTRUÇÃO DA ESCRITA ORTOGRÁFICA

Ao considerar as particularidades de um sistema de escrita alfabético-ortográfico, portanto, convencional, vamos desaguar na normatividade. Não é de hoje que são discutidos os problemas fonortográficos que atravessam a aquisição da modalidade escrita da língua; e os docentes debatem-se entre variados métodos destinados a alfabetização sem que, no entanto, consigam chegar a conclusões objetivas sobre como minimizar as incongruências decorrentes da grafiação da língua por meio do sistema alfabético.

Considerando-se as importantes contribuições da epistemologia genética (PIAGET, 1978) e da psicogênese da língua escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), vê-se que é mister a análise cada vez mais aprofundada dos mecanismos de raciocínio desenvolvidos pelos aprendizes acerca da língua escrita, ou em torno de seus símbolos.

É notório que a dificuldade de escrita correta das formas da língua em seu registro não é exclusividade das crianças, nem mesmo dos aprendizes do ensino fundamental, em particular. De vez em quando, somos surpreendidos por algum tipo de dúvida gráfica sobre um item léxico não pertencente ao nosso vocabulário usual. Em outras palavras, basta que seja preciso escrever palavras de estrutura gráfica complexa pertencente ao jargão de outro campo profissional, para que sejamos levados ao vocabulário ortográfico ou a um dicionário em busca da grafia correta da palavra problemática. Deste modo, dificuldade ortográfica não é exclusividade nem pressuposto da alfabetização. Cabe ao professor analisar de maneira adequada a escrita da criança a esse respeito. Cagliari (2008, p. 146) diz que:

É absolutamente indispensável que o professor faça um levantamento das dificuldades dos alunos. Isso não pode ser visto através de palavras e frases treinadas, de cópias e atividades dirigidas. É preciso deixar os alunos escreverem textos livres, espontâneos, contarem históricos como quiserem. É nesse tipo de material que vamos poder encontrar os elementos que mostram as reais dificuldades e facilidades dos alunos no aprendizado da escrita.

O raciocínio linguístico na infância busca regularizar no sistema de língua. Logo, trabalhar a alfabetização com responsabilidade de grafiação da forma dicionarizada é um acréscimo prematuro de complexidade que pode atropelar o processo; e quase sempre o faz. Desse modo, cumpre ter-se claro o papel do professor na aplicação das atividades escritas.

O PAPEL DO PROFESSOR NA APLICAÇÃO DAS ATIVIDADES ESCRITAS

No processo de alfabetização, uma das estratégias em que as crianças mais se apóiam para escrever é na comparação entre a expressão oral e escrita. O problema é que as relações biunívocas (um para um) entre grafemas e fonemas são numerosas e, ainda, sabemos que um mesmo fonema pode ser representado por diversos grafemas, como também, um mesmo grafema pode representar diversos fonemas. Um processo bem prático para identificarmos se um determinado som tem um valor distintivo ou não, isso é conhecido por teste de comutação (CAGLIARI, 2008). Sobre isso, Cagliari (2008, p. 88-89) afirma que:

Os testes de comunicação são reveladores de funções linguísticas, de valores fonológicos [...] porque a linguagem humana se monta essencialmente com unidade chamadas signos. O teste de comutação joga com os eixos sintagmático para descobrir através da montagem dos signos ou não e em que contextos sintagmáticos isso pode acontecer.

Conforme Silva; Carvalho; Nunes (2015) cabe, portanto, ao professor mostrar a interação da linguagem falada com a linguagem escrita, propondo reflexões que tenham como ponto nuclear atividades nas quais a criança possa estabelecer as relações entre o sistema sonoro (representação fonológica) e o sistema gráfico (representação ortográfica) adotado pela sociedade, respeitando sempre as diferenças de fala, ponto básico que deve ser tratado na escola, para mostrar a diferença entre as duas modalidades de linguagem.

Estudiosos contemporâneos de diversas áreas não têm poupado esforços na busca de explicações psicopedagógicas e culturais ou estratégias didático-pedagógicas para a melhoria do ensino. Neste âmbito convém lembrar que o problema da escola brasileira não é só a língua nacional. A amplitude da crise no panorama educacional brasileiro e na escola em particular transcende a dificuldade do ensino – aprendizagem do aluno. Todavia, cumpre considerar que a língua materna (ou nacional) é mola mestra no processo de ensino-aprendizagem em geral já que é o código-base para as interações interpessoais, independentemente de área ou tema, portanto, o não domínio deficitário da língua portuguesa (nossa língua) resulta em graves sequelas educacionais, mormente no âmbito da instrução escolar (SIMÕES, 2006, p. 103).

Sobre isso, Vygotsky (1998), considera que a instituição escolar torna, muitas vezes, obscura a escrita, na forma como é apresentada para o aluno, quando, por exemplo, preocupa-se excessivamente, com o ensino das letras, juntando umas às outras, no processo de formação das palavras. Na alfabetização, a mecanicidade desse processo pode incorrer no perigo de se esquecer de apresentar às crianças, o significado dessas letras, dentro das regularidades do contexto social de uso que elas vivenciam.

Esse domínio funcional dos signos do sistema linguístico é, segundo o teórico, parte de um processo de desenvolvimento das funções mentais, o implica no reconhecimento de aspectos além dos gramaticais e ortográficos, mas, por exemplo, o estímulo, advindo do contexto, que nesse caso, pode-se mencionar, o escolar, mediado pela figura do professor.

Mesmo que muitos autores confirmem que a fala não é o principal caminho para a escrita, muitas vezes, as crianças acabam querendo transferir para a escrita a fala. Esse fenômeno acontece

CONHECIMENTOS FONOLÓGICOS E ORTOGRÁFICOS NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE PRODUÇÕES ESCRITAS DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

principalmente em crianças do Ensino Fundamental, nas séries iniciais, quando acontece o primeiro contato da criança com o mundo da escrita. No entanto, se isso não for corrigido pelo professor no início do ciclo da alfabetização, a problemática pode interferir na escrita do discente até a fase adulta.

Em se tratando de escrita, mais especificamente, o uso das consoantes “d” e “t”, cabe ao professor ser um eterno pesquisador, em relação ao que pode estar prometendo a escrita das crianças. As atividades são de suma importância, pois é através delas que descobrimos o quê e como fazer, para ajudar essas crianças.

É importante que o professor tenha certos conhecimentos teóricos sobre fonética, para que possa propor atividades aos alunos que os ajudem na diferenciação sonora das letras, como por exemplo, atividades de valor significativo na aprendizagem, em que a cada produção de texto, informe ao aluno quantas palavras ele acertou, mas que evite focalizar as críticas sobre trocas. Na análise e discussão dos dados, a seguir, apresentaremos considerações a este respeito.

ANÁLISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

Os novos delineamentos para o ensino da escrita para crianças que trocam as letras “d” e “t” em suas produções escritas no Ensino Fundamental menor refere-se a uma tendência pedagógica construtivista, onde a reflexão e conhecimento são vistos como resultados da ação interativo-reflexiva do sujeito com o meio.

Esse fato foi, portanto, perseguido por esse estudo, a partir do detalhamento metodológico apresentado a seguir.

Caminhos e métodos percorridos na pesquisa

Pensar e planejar se faz necessário em toda e qualquer pesquisa. Assim trilhamos os caminhos a serem percorridos durante esta pesquisa. Utilizamos alguns métodos para que se pudesse conhecer, um pouco, da metodologia utilizada pelo professor, para com os alunos. Dentre esses métodos, destaca-se uma entrevista por meio da qual realizamos perguntas, cujas respostas mostram a metodologia utilizada pelo professor; bem como se analisou atividades de alunos, com o objetivo de comprovar a problemática.

Assim, começou-se ouvindo a professora A. Depois se elaborou e aplicou um questionário junto à referida professora, e também o mesmo foi feito com a professora B e C, que já haviam trabalhado com as mesmas crianças, que apresentaram a problemática em estudo. Veja-se este quadro de perguntas, importante de ser apresentado, para que se possa melhor compreender a análise proposta:

Entrevista realizada com as professoras

Pergunta 1) *Conforme você me relatou, sobre sua observação em relação a escrita de alguns de seus alunos, que ao escreverem palavras com as consoantes “t” e “d”, as mesmas trocam em relação a posição nas palavras. Você imagina qual é o motivo que os levam a fazerem essa troca?*

Pergunta 2) *Um dos motivos que pode ser observado em alunos com esse tipo de problema, é a fala, você já observou se ao falarem eles fazem essa troca?*

Pergunta 3) Quando você propõe atividades de escrita, eles sempre cometem a troca nas mesmas palavras, ou em todas que necessitam usar as letras t e d?

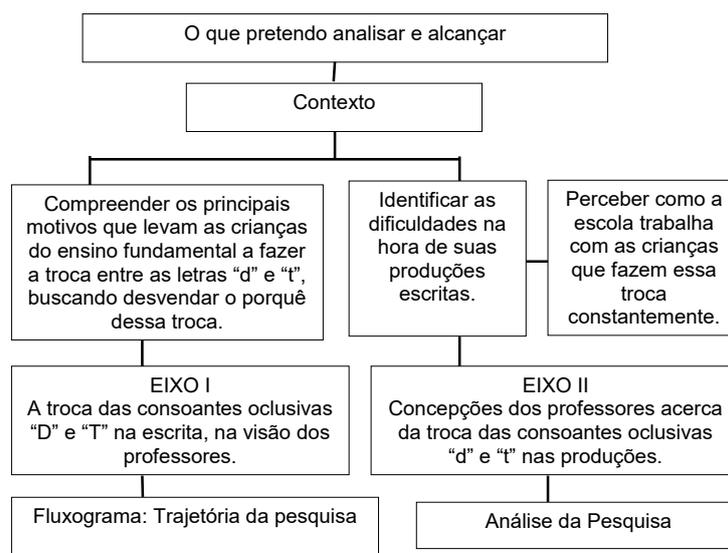
Pergunta 4) Sabemos que tal dificuldade pode está ligada a algum possível distúrbio, você percebe se as crianças em estudo, apresentam característica que possa levá-las a disgrafia?

Pergunta 5) Em algumas pesquisas, os teóricos sugerem atividades que possam ajudar na correção desse problema. Que tipo de atividades você costuma usar para trabalhar, com as crianças que apresentam essa dificuldade?

Pergunta 6) É comum nessa fase de escolarização, alguns alunos apresentarem essa troca, pois segundo estudiosos o domínio da escrita se completa somente no fim do ciclo de alfabetização. Você acredita que esse problema pode está ligado apenas ao fato de que esses alunos ainda fecharam o ciclo de alfabetização?

No esquema abaixo, mostramos, em síntese, todas as categorias analíticas usadas na pesquisa, e que foram construídas a partir do entrelaçamento das informações colhidas durante a trajetória de coleta de dados. E estes, comparados às teorias defendida por vários estudiosos, que contribuíram para o alcance dos objetivos pretendidos com o trabalho.

Esquema 1 - Estruturação das categorias analíticas do trabalho



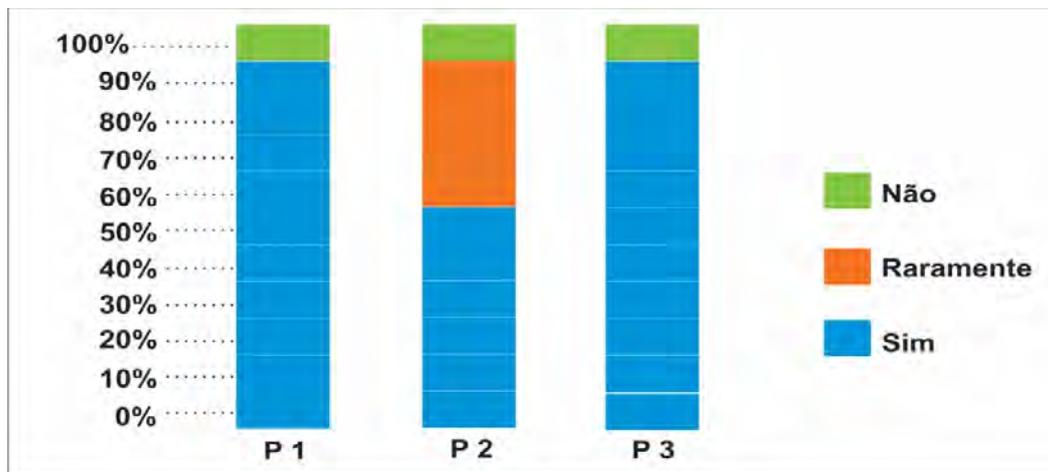
Como fora mencionado acima, foi feita uma trajetória de pesquisa; de modo que os resultados serão explicitados de forma objetiva, iniciando-se pela visão dos professores em relação às crianças que apresentam à problemática, conforme o primeiro eixo de análise, apresentado a seguir.

EIXO I: A troca das consoantes oclusivas “d” e “t” na escrita na visão dos professores

Com base nas respostas dos interlocutores (os professores) da pesquisa, onde 90% afirmam que uma parte considerável faz a troca entre as consoantes ‘d’ e ‘t’ em suas produções escritas, mas que em sua fala nem sempre isso ocorre, e que na maioria pesquisados alegam que falta um incentivo maior por parte dos pais e da própria escola que não procuram ajudá-los nessa tarefa que não é considerada fácil, pois a alfabetização é o início de tudo, caso contrário o discente poderá levar para o resto de suas vidas tal dificuldade, como destaca a professora A (Gráfico 1).

CONHECIMENTOS FONOLÓGICOS E ORTOGRÁFICOS NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE PRODUÇÕES ESCRITAS DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Gráfico 1 - Relativo às perguntas 2 e 3.



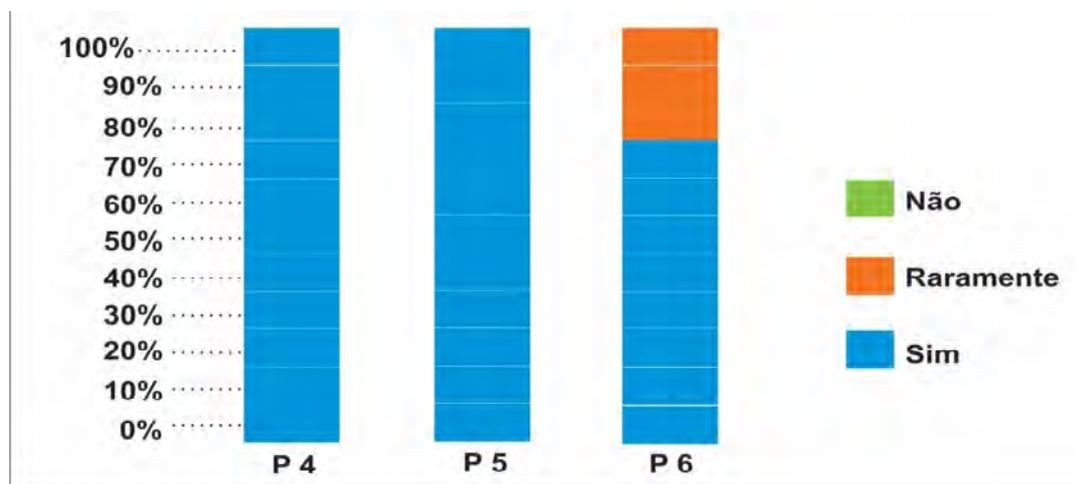
Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016).

Entretanto, é possível percebermos uma divergência entre os professores que trabalharam e os que trabalham atualmente, com os alunos em estudo já que a professora A. em sua fala afirma que: “existem várias maneiras de trabalhar essa dificuldade”, e percebe-se que a mesma não inova sua metodologia, pois durante a pesquisa observou-se que o tradicional estava assiduamente presente nas atividades propostas, e que a B, em momento algum, utilizou os jogos que foram mencionados como um forte aliado, deixando assim um paradigma entre o real e o ideal. E que a C. diz que: “a troca só existe na escrita, somente antes de algumas vogais, e que por esse motivo ao escrever algumas palavras, elas acabam trocando as letras, mas não confundem no significado das palavras”.

No que pode ser normal para quem está iniciando o ciclo de alfabetização, cabe ressaltar que se tal problema persistir pode gerar mais tarde, uma deficiência ortográfica para a norma padrão de escrita, e é por isso que alguns docentes acabam diagnosticando como um distúrbio caracterizado como disgrafia. E as atividades propostas aos alunos comprovam em partes que a troca ocorre às vezes, e que essa, depende da vogal que sucede. Ficando assim entendido que a problemática pode ser superada após o fim da alfabetização.

EIXO II: Concepção dos professores acerca da troca das consoantes oclusivas “d” e “t” nas produções

Acerca das concepções dos interlocutores com relação ao uso das letras “d” e “t” nas produções de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental menor, 100% concordam que existe uma possibilidade de que as crianças podem apresentar um distúrbio que podem os levar a disgrafia. E 75% dos interlocutores afirmam que ao utilizar jogos, há uma constatação de que ocorre uma aprendizagem significativa e que a prática de atividades lúdicas traz benefícios, desde que sejam usadas com objetivos de trabalhar a dificuldade em questão (Gráfico 2). Segundo o interlocutor B, diz que: “é no universo lúdico que encontramos um apoio de uma importância, para trabalhar essa e outra problemática”.

Gráfico 2 - Relativo às perguntas 4,5 e 6.

Fonte: Dados da pesquisa de campo (2016).

Apesar dos interlocutores reconhecerem o diferencial que o uso de jogos educativos podem proporcionar ao Ensino Fundamental menor, pouco ou quase nada é feito para implementação dessa atividade nas salas de aulas, permanecendo a mesma rotina, que pode ser um dos maiores problemas para quem está em fase inicial de aprendizagem em relação à escrita, principalmente a estabelecida por uma norma padrão. Enquanto realizava as atividades com os alunos percebeu-se que a concentração de alguns parecia comprometida, no que resulta, na maioria delas claramente na distração. E como resultado uma reprovação na forma padrão da escrita correta.

Após a análise de dados chegamos a um consenso de que as atividades desenvolvidas em sala de aula não estão trabalhadas de forma adequada para melhor um aproveitamento no que diz respeito à troca das consoantes oclusivas, por conta de uma prática pedagógica não adequada para se trabalhar no ciclo inicial de alfabetização. E que nas atividades propostas pelos pesquisadores, às crianças, que em determinados momentos erravam a escrita de palavras usando as letras “d” e “t”, acertavam a mesma palavra em outro contexto, fato que só confirma uma avaliação prematura do que venha a ser erro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa destacou-se que a problemática abordada instiga o professor a fazer uma reflexão técnica-didática em favor da minimização das consequências de uma avaliação inadequada sobre o desempenho escrito dos alfabetizados. O acompanhamento e a avaliação dos progressos obtidos pelos escolares, mormente no período de alfabetização devem ser sempre ter em conta que as escritas iniciais são produzidas para o professor – interlocutor imediato e exclusivo, dados as condições de entrada nos domínios da escrita no âmbito escolar.

Através da teoria da psicogênese de escrita (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999) descobrimos que, ao deixar as crianças escreverem espontaneamente, sem terem que imitar os modelos corretos que o adulto lhes transmite, podemos perceber que os principiantes têm ideais extremamente originais sobre o funcionamento do alfabeto e que tal compreensão é um processo evolutivo.

Portanto, é importante que o professor reconheça que a metodologia usada por ele, é de fundamental importância, ou seja, é necessário que as renove sempre que for possível, pois ficou comprovado que atividades repetitivas podem não surtir efeito, e que metodologias diferenciadas

CONHECIMENTOS FONOLÓGICOS E ORTOGRÁFICOS NA ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE PRODUÇÕES ESCRITAS DE ALUNOS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

trazem muitos benefícios aos que estão aprendendo a dominar a escrita, ficando assim, estabelecido que o principal motivo das crianças trocarem as letras “d” e “t” em suas produções é apenas uma distração na hora da escrita e que os docentes por exercerem um domínio finalizado da escrita, estão preocupando-se antecipadamente, pois é no final do último ciclo que se fecha a alfabetização padrão adequada, caso isso não ocorra, cabe o encaminhamento a profissionais que possam diagnosticar problemas de ordem psicológica.

Enfim, o que pretendemos é compreender qual é o motivo que pode estar causando essa problemática, no que diz respeito à escrita, e ao que pode ser atribuído tal problema no processo de ensino aprendizagem do vernáculo, a heterogeneidade e à falta de prontidão (biológica ou psicológica) do alunado. Os resultados apontam para o papel de ações pedagógicas impróprias e, muitas vezes, decorrentes de uma carência técnico-teórica docente no que se refere ao domínio da estrutura e do funcionamento da língua materna. Não que o docente esteja descomprometido com o processo, mas que falha na sua formação, não se tenha habituado à pesquisa e a reflexão sobre os temas que, no curso de sua prática, venham a apresentarem-se como problemáticas, carecendo, assim, de maior esclarecimento e de novos recursos táticos para explanação didática.

Referências

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2008.
- CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 25. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura do mundo, leitura da palavra**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- OLIVEIRA, M. A. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. Ceale: UFMG, 2005.
- PIAGET, Jean. **Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978.
- SIMÕES, Darcília. **Fonologia em nova chave: o desenvolvimento sobre a fala e a escrita**. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação Editora, 2003.
- SILVA, Ailma do Nascimento; CARVALHO, Lucirene da Silva; NUNES, Ana Maria da Silva. **Fonologia da língua portuguesa**. Teresina: FUESPI, 2015.
- SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola, 2006.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.